

**O  
VENTO  
DE AGOSTO  
NO PÉ  
DE  
IPÊ  
escritos  
do  
sertão**

***Carlos Rodrigues Brandão***

*O que é que diz o vento  
no farfal das folhas?*

João Guimarães Rosa  
Grande Sertão: Veredas 237

*É ainda agosto  
e vai ser setembro.  
O cerrado é seco  
e o ar é quente  
e anda longe  
o tempo de chover.  
O vento vem e venta.  
Mas quem vê o vento  
a não ser pelo dançar das flores  
que o vento toca e faz mover?*

Este livro é para o Gil, em Goiás

### ***A quem leia este livro***

Alguns poemas deste livro são originais. Esta é a sua primeira publicação. Estavam até agora dispersos entre páginas antes em branco de algum caderno de viagem, ou em folhas soltas e outros papéis acostumados a acolherem em silêncio palavras e poesias.

Outros são novas versões de antigos poemas. Alguns foram apenas retomados e em pouca coisa refazer. Retalhos de roupa nova sobre um pano ou um mesmo corpo. Outros foram bem mais reescritos. Mesmo quem acredita que um poema uma vez escrito nunca mais deve ser tocado, de vez em quando cai na tentação de aprimorar com um olhar algo mais maduro o que escreveu tempos antes, quando a vida, o mundo e a poesia talvez fossem mais verdes e mais felizes.

Se é que a poesia tem, em conjunto, algum “tema”, um mesmo tema, ou um mesmo cenário e suas cenas, dão unidade a estes escritos de e entre tempos diversos e de vivências e afetos ora próximos, ora diferentes. Todos são poemas postos no papel em algum lugar dos “sertões de dentro”, entre Goiás e Minas Gerais. Ou então são poemas que mesmo quando escritos longe de “lá”, tomam aqueles lugares, seus tempos, seus seres da natureza e suas gentes, como algo ou alguém de quem dizer alguma coisa por através da poesia.

Alguns originais poderão ser encontrados em *Diário de Campo – a antropologia como alegoria*, em *O Dia de Sempre*, em *Os Nomes – escritos sobre o outro*, e em *Orar com o Corpo – preceitos e preces para os gestos da horas do dia*.

Certa vez quando eu conversava com Cora Coralina em sua casa, na beira do rio Vermelho, ela me segredou: “eu não sou poeta, sou doceira”. Conversávamos na cozinha da casa e ela me disse isso colocando um a um os seus doces suavemente cristalizados em pequenas caixas de papelão. Falava com orgulho de seus doces, e não de seus poemas, num tempo em que ainda era pouco conhecida para além do rio Meia Ponte e do rio Paranaíba. O último poema deste livro, dedicado a ela, relembra esta carinhosa confidência.

Não sei se seria devido, mas às vezes penso dizer a quem me leia algo semelhante: “não sou poeta, sou professor”. Ou: “não sou poeta, sou antropólogo”. Tanto isto é uma meia verdade que cheguei à casa de Coralina em minha pesquisa de campo na Cidade de Goiás. Digo isto porque não será difícil entrever na maior parte dos poemas um afã de dizer com a palavra do poema o que em outros escritos eu disse com os conceitos da ciência.

*Luziânia, antiga Santa Luzia  
Outono de 2005.*

***vôos a oeste***

No tempo em que as coisas eram feitas para o homem  
os aviões voavam baixo e do alto se avistava a olho nu  
a repartição dos reinos dos seres do mundo:  
as matas que cercaram o homem milhões de eras  
e eram agora cercadas por ele e suas crias  
com sinais e marcas de territórios de conquista.

Aquele foi um tempo em que o homem e a terra  
estavam sempre em luta e se amavam muito.  
Muitos anos mais tarde, quando os aviões a oeste  
voavam roçando o topo dos morros  
era possível vislumbrar da janela  
os estragos do amor e os afagos da guerra  
que entre um e a outra sempre houve.

Pelo vão das nuvens, em vôo de vizinhos  
havia então sobre aqueles terrenos de alqueires de batalhas  
frutos de amor secando ao sol do mês de maio.

*Num vôo a Goiânia*

***do alto sobre o cerrado***

Há um duplo tapete de artesão  
estendido ao vagar dos olhos  
de quem viaja ao pôr-do-sol  
sobre o cerrado em setembro.

O avião voa acima do cinza  
do bordado de linha feito a mão  
que o horizonte do sertão costura  
e a tarde colore entre mel e azul.

Uma colcha de ruas e avenidas  
que o mago das seis horas traça  
a lápis, retoca e depois tinge  
com o pincel rebelde do arco-íris.

Do branco de noivado ao verde-sonho,  
e do verde ao roxo escuro da quaresma,  
esse pintor da tarde tece a tela  
que do avião se avista da janela.

No chão da terra o olhar atento  
vê o tapete dos barros dos gerais  
que as chuvas de dezembro repintaram  
na paisagem que junho deixou ocre.

Entre montes pequenos e outros montes  
há por toda a parte ali sinais dos homens:  
campos de pastos e planuras de plantio  
que a altura do vôo torna sonhos.

Ali é uma arte humana quem colore  
a tela dos alqueires do planalto:  
o havana escuro da fina geometria  
da escrita do arado sobre a terra

sob o molhar da chuva e do sereno  
que em tudo desvenda um tom mais denso:  
do verde escuro do milho quando adulto,  
ao amarelo-palha do seco fim da safra

e dessa cor que cobre o rosto do cerrado  
entre as águas do quase fim de março  
antes que ao campo dissolva o alaranjado  
do fogo das coivaras e de seus ventos.

A tudo a seu tempo o viajante assiste  
de um voo à tarde sobre o reino do homem  
e seu costume ancestral, estranho e artista  
de plantar e pintar tudo o que existe.

*Num voo entre Minas e Goiás  
5 de agosto de 1980*

### ***a igreja no monte***

Do alto do morro a igreja veleja Luziânia.  
 Sentinela desarmada no meio da noite do Planalto  
 a capela dos negros do Rosário abençoa a cidade.  
 Escoltada pela sombra esguia de três coqueiros  
 Ela acende a cada noite a memória do Arraial de Santa Luzia.  
 Ontem, que caminhos foram os de bandeirantes e viajeiros  
 de arma em punho, que a cidade ainda espera  
 no poço fundo dos guardados de arca e cofre?  
 Perdidos rumos, riscos de chegar a que e quando.

Do primeiro morro, do primeiro sono  
 dos ermos recantos da noite a cidade revive  
 banzos e cantos de esquinas dos negros nessas terras verdes  
 dadas ao pequi, ao milho e ao cristal de rocha.  
 Pouco mais que nada, ouro que uma brisa da manhã  
 carrega em agosto e perde entre atalhos do cerrado.  
 Por isso a cidade-caminho foi posto e pasto de passagem  
 da romaria dos viajantes sem fim das tropas dos gerais,  
 passantes com os olhos num ponto sempre além de Luziânia:  
 tropas, tropéus, bois e boiadas traçando as trilhas de Santa Luzia.  
 O que a igreja avista do alto do seu monte  
 são campos de mortos, cemitérios do sertão. Ermos  
 onde o tempo rói com igual fome o pó de brancos e de escravos.  
 O que a cidade vê com os olhos de vigia desde a torre da igreja  
 é a sobra de ontem, o mofo da estrada dos caminhos palmeados,  
 traços entre riachos, poeira de mapas e rostos roídos  
 e os riscos do acaso sobrados da memória,  
 restos de estórias perdidas dos ocos do planalto.

*Luziânia, antiga Santa Luzia*  
*9 de julho de 1976*

***o alto sobre***

Viajo sobre a pele de uma lavoura de algodão  
entreaderto em flores brancas e amarelas.  
semeadura que os anos todos desde os começos do homem  
o alfaiate que tece os roteiros do mundo  
alinhava com lã de nuvens nas varandas do céu.  
Lá em baixo o papel da neblina é tão igual  
que parece haver sido impresso a mão.  
O lado onde o sol descansa desenhou um risco  
interminável do laranja-da-pele ao amarelo-do-verão  
e eu nunca vira antes uma linha tão fina  
na roupa de domingo do horizonte.  
Por cima do liso das nuvens o crepúsculo  
não é tão desmesurado como os de agosto em Goiás,  
e depois dos dias e noites quentes de lá  
não é tão aceso nem tem o mesmo ar humano.  
Mas, raro e efêmero, é um fino fio de luz  
que de uma ponta à outra do firmamento  
borda no pano o tecelão do céu:  
um fio de linho que aos poucos  
passa do branco ao branco escuro  
e do escuro que há no branco ao negro  
que é a mais suave e serena cor da noite.

*voando entre Goiás e Minas*

***aqui, onde o sertão começa***

Aqui, neste lugar chamado cerrado  
existe o sertão, onde o sem-fim espia o próprio aço  
e afia o corte que não sabe onde termina.  
Aqui é onde as cores de mil e um pássaros  
roçam com as mãos de leve o mapa de Minas,  
o território verde-marinho de entre monte e monte  
onde qualquer caminho inicia onde ele acaba,  
porque aqui de recanto algum se parte  
e a parte alguma se chega após andar e andar  
entre ermos nomes sem rumo como em Goiás à noite.  
Noite de estrelas vagas e sem horas certas.  
Noite sem nortes, sem alma e sem fronteiras.

***sertão, sertões***

Aqui é um lugar avulso  
que ainda não foi feito,  
por isso alguma coisa sempre  
continua acontecendo  
mesmo quando é meio-dia  
o sol é quente e incendeia  
almas do mundo e das gentes.  
Mesmo quando é mais tarde o dia  
e a vida de quem voa  
parece parada no ar.

Aqui é um canto esconso  
da esquina do estranho.  
Um rumo não trilhado ainda  
e aonde o que veio existir de vivo:  
o corpo da terra, o mato, os bichos  
e as pessoas, existe devagar.

*Santo Antônio dos Olhos D'água  
17 de janeiro de 1980*

***alguns fogos, algumas roças***

Quando amonta na mula amansada do vento  
e viaja serra acima, do sopé à cumeeira  
o fio da coivara é uma linha fina  
de um tecido de algodão laranja  
que a brisa mansa do sudeste tece  
e a palha seca do cerrado empina.

Um fino fio carmim de fogo ralo  
noite após noite costurando a colcha  
de um arvoredado seco e ressecado  
que cobre encostas de serra e pedra  
por onde sobe a custo o fogo do alfaiate.

O oposto dele é o fogo de armadilhas  
que apronta o guerrilheiro seu irmão  
quando desce a serra entre matas e grotas  
e contra a espada dos capins do pasto  
aponta e atira facas de aço em brasa.

Cavaleiro que a onda de si mesmo  
à noite monta e na manhã cavalga ao vento,  
fogo-potro bravio a galope em disparada  
contra o verde e o seco do cerrado.  
Guerreiro irado com a sua foice erguida  
cortando a fogo os fios do mato vivo.

*São José de Mossâmedes  
28 de dezembro de 1981*

***longe, aqui***

Longe. Longe?  
O que é longe? Onde é o longe?  
Aqui é longe e um sol de outono  
na fumaça do canavial incendiado  
vem olhar o seu rosto noutro rosto.  
E no lugar onde eles se encontram:  
o fogo do céu e o da terra  
Ali eles se dizem um ao outro:  
*aqui é onde.*

***assim, quando escurece***

E então agora é quando a tarde acaba  
e quando o azul escuro desenha no céu  
o linha do rosto distante das estrelas  
com quem se orientavam antes os vaqueiros  
e, hoje, os perdidos e os poetas.  
Então é quando. E eu te dizia ao desamparo  
que esta é a hora sem flores e ruínas  
quando no sertão todo o dia o dia  
e todo o dia renasce na minha alma  
algo que sem outro nome, chamo: dia.

***as flores aprendem com as pessoas***

O ouro vivo dos ipês de agosto  
amanhece os matos de Mossâmedes.  
No trilho dos remansos da manhã  
a água fria do cristal dos córregos  
desceu a serra e fez descer em fila  
as flores que branqueiam os pequizeiros.  
Outros ipês do mato mais adiante  
pintam de roxo o piso do arvoredos.

Sob os troncos cerzidos no cerrado  
há tapetes estendidos com as seis cores  
que a natureza aprendeu a entretecer  
espiando das janelas os teares  
das casas das mulheres-fiandeiras.  
Quintais onde se fia tingem e tece  
o tecido sem-fio dos fios alados  
que a cultura dos “sem-letra”  
fia e borda, escreve e depois assina.

Nessas roças de fazendas entre matos  
a natureza fia o que cultura tece  
e a memória das duas não esquece.  
De modo que entre campos e povoados  
há coberturas de copas e de colchas:  
flores de panos que as pessoas fazem  
e as plantas da floresta vêm e imitam,  
sob um claro de coivaras pelas serras  
entre o sol do dia e o luar de agosto.

*São José de Mossâmedes  
29 de dezembro de 1982*

***três lições mineiras***

*de Minas*

De Minas virá  
o verdor do vasto,  
do pasto que em Minas  
é verde e amanhece.  
E amanhece em Minas  
cada vez que a chuva  
visita novembro.

Cada vez que a noite  
arvora o sereno  
que o vento de Minas  
orvalha nos fundos  
dos cantos da sina  
de gentes e bichos.

De minas virá  
o sabor da terra  
e do vento que em Minas  
convive com a mina  
de ouro da orquestra  
de vales e vilas.  
Convive, comparte  
e se afina em Minas  
até o tom fino  
de uma escala acima  
onde o vento inventa  
como o trem e o povo:  
caminhos. Caminhos.

*em Minas*

O que é de memória  
em Minas tinha  
guardado pelos potes e em moringas  
do barro fino que o tempo-oleiro  
misturava com água na gamela  
modelava na banca do quintal  
e queimava no forno da cozinha.

O que é de lembrar  
por Minas ia pelas eiras.  
por beiras, ocos e caminhos  
do traçado que a tropa viajeira  
tricotava entre vales e vielas,  
entre serras, sereno, noite adentro  
e entre as vilas que pela via havia.

O que é de saudade  
havia em Minas  
desenhado nos panos. Nos bordados  
do tecido que a vida-tecedeira  
fiava no claro da janela  
costurava com fio de roca velha  
e cerzia na mão de três meninas.

*com Minas*

Com Minas se aprende  
um saber matreiro:  
carregar no bolso  
um toco de tudo.  
Se aprende com Minas  
a dizer o mundo:  
pensar *trem pra coisa*  
e *uai pra susto*.

Com Minas se aprende  
o saber do avulso:  
espreitar a vida  
de “cocra”, na curva.  
Se aprende com Minas  
de graça, sem custo  
que a vida que passa  
não passa nem assusta.

Com Minas se sabe:  
tudo vive, tudo volta  
e com a chuva que cai  
o que seca renasce.  
Renasce e relembra  
(todo ano, toda a vida)  
que dezembro repõe  
até março, até junho  
o verde que a seca  
secou após julho.

*Congonhas do Campo*  
*27 de junho de 1982*

***de um trem mineiro***

Só um trem velejando noite adentro  
e entrecortando a manhã das estações  
divide a noite e a alma do mundo  
em pedaços medidos meio a meio  
entre os trilhos e a tropa dos vagões.

Só em rumos de trem vereda afora,  
viajantes do mar até o sertão,  
há vidraças abertas e há vigias  
dos mistérios do vento até as virtudes  
de viajar entre o rio e o coração.

A moldura do trem aberta invade  
as pautas do ponteio dos Gerais.  
As aves piam, o trem escuta, um sol se esconde.  
Há uma curva depois de cada curva  
e outra curva depois de cada ponte  
e a noite é o que o trem inventa dela  
e xilografa no quadro da janela.

Há um pouco de trem em cada coisa  
que o viajante avista na vidraça.  
As imagens de há pouco são o que resta  
do que o trem risca e rabisca sob e sobre  
os alqueires do céu de cada terra  
por onde passam o trem e a sua festa.

*entre Campinas e Uberlândia  
depois do Rio Grande*

***Muros sem nome, nos campos***

Esses muros de pedra  
levantaram da terra  
mãos escuras da noite  
mais fiéis do que limpas  
mais escravas que livres,  
e que a noite agasalha  
e os anos preservam  
suspensos pelo campo.

Travessia de tempos  
arrancados do chão  
do cerrado em junho,  
esses muros em linha  
sobre quadros de cal  
são cenários que os turistas  
olham e de nada sabem  
de quem foi e quem fez.  
Paisagens que a noite  
classifica em estantes  
(esquecidas da história)  
de lojas de antiquários.

Mas no campo, esquecido  
O muro é sem nome  
e não tem, como igrejas  
ou capelas de roça  
um autor, um então  
que se possa estudar  
no museu da cidade.

Esses muros não guardam  
entre as ruas dos pastos  
mais que um certo saber  
(o saber a que servem)  
de uma linha que marca  
quando feita, com sangue,  
o limite, a divisa,  
o domínio e o despojo.  
Sinais, como marcos  
que os donos das terras  
comandavam mandar  
seus escravos riscarem  
seus iguais respeitarem  
e os seus deuses saberem.

***beiras do Rio Vermelho***

Um bando de pombas-rolas e anus-brancos assustados  
voou de uma margem à outra do rio Vermelho  
na curva onde depois de passear pela cidade  
o rio volteia uma última vez antes de sair.  
Fugindo do tremor de meus passos na terra  
as aves deixaram por alguns momentos  
a sombra onde se cobrem às onze horas da manhã  
e outra vez colocaram o poço da curva do rio  
entre o domínio da natureza e o da cultura.

Do outro lado havia um bando de bois e burros  
em estado de graça, mastigando um verdor  
de pastos de dezembro em ano “bom de água”.  
Do lado de cá um longe de meninos pretos pescava  
Entre ocos do rio que os pais de seus avós  
cavaram com aços e punhos sobre pedras de sol.  
Havia velhas lavadeiras de beira de poço que o turista  
procura prender em fotos de domingo.  
Mulheres magras que na cabeça equilibram sem pressa  
“malas” de roupas, trouxas e “amarríos”  
dos “serviços” antigos dos pobres do lugar.  
Vinhão em filas de silêncio pelo fio das trilhas  
que o passar do tempo rabisca no espaço  
entre as últimas ruas e as praias do rio.

Elas passam pelo pasto onde o sol de Goiás  
e as flores do cerrado abrem todo o ouro  
que sobrou há cem anos, desde quando se conta  
que um bando de paulistas iludiu com artimanhas  
os filhos dos sábios dos índios do lugar.  
Onde houve outrora senhores e escravos  
as lavadeiras de “cocra” na beira do rio  
lavam e quaram séculos de roupa suja.  
A nudez dos meninos das eiras de fome da cidade  
atesta a todos que afinal se habita um tempo de paz  
de uma gente esquecida de “bandeiras” e “senhores”  
que recria na praia, com gestos de terça-feira,  
uma história antiga que houve muitas vezes  
antes de tudo aquilo acontecer.

*Vila Boa de Goiás*  
*14 de fevereiro de 1982*

***viver do ouro, viver de sobras***

Faz um rosário de anos e mais anos  
desde quando o ouro das areias que escorriam  
entre as águas quentes desses regatos acabou.  
Como a mesma areia entre os dedos do menino  
findou de uma vez o ouro-em-pó que por um século  
trouxe a rara riqueza e casos de desgraça  
a casas de adobe que ficaram velhas  
do outro lado da face oeste da Serra Dourada.  
Perdidos entre os sem-volta dos caminhos  
que um dia trouxeram da costa querosene, sal e escravos,  
os ricos e pobres do lugar fugiram da vila  
ou migraram com tropas de mulas e tralhas  
para povoados do norte. Lugares mornos  
onde rios mansos de águas lamacentas  
ao contrário desses arroios cristalinos  
têm um sujo bom de lama que a cada ano renova  
o chão onde o arroz cacheia o ouro dos grãos.  
Migraram para ermos cantos escondidos  
onde se diz que “boi vira brabeza”:  
grotas e vãos, buracos dos baixios de serra.  
Com as sobras do ouro que possuíram  
os coronéis do lugar compraram alqueires  
de onde hoje os filhos e netos expulsam  
os filhos dos filhos dos peões meeiros,  
a descendência do camponês do passado  
a que os mitos dos pais dos avós  
disseram que depois do fim do tempo do ouro  
reinou por ali por muitos anos, a idade do ouro.  
Um tempo esquecido nas sagras dos velhos  
quando todos plantavam por direitos de posse e uso  
e mesmo os pobres do mundo lavravam sem tributos  
as terras dos outros e de todos.

Um tempo antigo que a lembrança da roça  
não quer esquecer. Um outro tempo, dizem  
quando por anos depois de outros anos  
sempre setembro esparramava aos ventos  
por todos os cantos, por todas as casas,  
o cheiro solidário de um fogo interminável  
de queimadas entre alqueires de campos sem cercas.

*Cidade de Goiás*  
*29 de dezembro de 1981*

***a cidade a quem chega***

Há uma Goiás  
de eu se sabe  
o nome e a história  
como num livro,  
como num pote.  
Como guardados  
em estante baixa  
de casa antiga  
ao alcance fácil  
das mãos, dos olhos.

Há uma Goiás  
de almanaque  
de fim-de-ano,  
que se oferece  
em lances claros  
de folhas soltas,  
como se um guia  
que se postando  
em cada esquina  
ali contasse  
como quem lembra  
dos rios, das ruas.

Há uma Goiás  
como um cristal  
que claramente  
se transparece  
de cristalina  
e de diamante  
(que nunca houve  
por esses rios).

Transparecida  
Essa cidade  
De pedra e adobe  
se entrega fácil  
ao tato estranho  
da mão do outro  
e se abre nua  
e se dá, viva.

Há uma Goiás  
que de seus anos  
lança editais  
e faz proclamas  
e confidências  
de um tempo raro  
(bom para teses)  
ao ouvido atento  
de qualquer gente  
vinda de quando  
que chegue e fique.

Há uma Goiás  
de pão de queijo  
bolo de arroz  
e sacramentos  
que de si mesma  
conta mais casos  
que um anuário.  
Uma cidade  
que os seus degredos  
narra e relembra  
conta e reconta  
tão coralina  
tão de repente  
até que a alma  
até que a mente  
guarde pra sempre  
os seus silêncios  
e, dentro deles,  
os seus segredos.

***A cadeia, hoje museu***

São tão grossas as grades  
e não guardam nada.  
E encerram na cidade  
suas próprias memórias.  
Essas portas lavradas  
em cerne de aroeira  
escondem do povo  
a poeira de outros povos.  
Essas salas hoje abertas  
protegem dos olhos  
os guardados de ontem:  
espadas e lenços, cálices,  
cruzes, bateias e ostensórios.  
Essas barras de ferro  
Guardam das janelas  
Uma cidade arrasada.  
E por isso, como os presos  
as velhas arcas e as frases feitas,  
tudo, nessa prisão-museu  
está vivo e murmura  
palavras que agora  
ouvido algum de quem ouve  
escuta ou entende.

***Brasília, caminhos de sair***

*(para Hugo, um de lá)*

Brasília é bom nos caminhos de sair:  
setas, estradas, vias, traços finos  
sinais entre trilhas que costuram  
seus mundos fora no cerrado, no sertão.  
Ou os vãos em volta da cidade sitiada  
entre ruas e verdes do horizonte.  
Brasília é bom em riachos de entre grotas:  
corguinhos d'água, vertentes, fios de prata  
do sem-fim das planuras que a cidade  
fotografa e retoca o ano inteiro  
entre secas de julho e águas de janeiro.  
É bom Brasília nos caminhos tardos  
da terra que sobrou aos camponeses.  
É bom no seu trabalho, longa espera  
de que um deus frutifique a roça e o pasto.  
Jeitos de amanhos que salvam a cidade  
(entre edifícios, patrões e burocratas)  
de se perder inteira e de uma vez.

*Brasília (saindo)*

*27 de janeiro de 1982*

***algumas chuvas, caminhos***

Cai duas vezes sempre quando cai  
a chuva e seu quinhão de águas  
quando sobre as ruas e pedras de Goiás.  
Caem primeiro de pé as suas gotas  
como fazem as chuvas do cerrado  
armadas de sandálias e de lanças  
sobre telhados escuros, sobre tetos  
tecidos de guardar da mesma chuva  
antigas arcas roídas de ouro em pó.

Cai depois em sobre-rios, entre riachos,  
ribeiros de momento, riachinhos  
regos d'água, arroios de calçadas  
escorregados de ruas rua abaixo entre  
casebres, caibros, chãos de sobre-pedras.  
E não carrega hoje a chuva, como outrora  
o fino pó de ouros esquecidos  
sobre folhas de capim do calçamento.

Carrega a chuva o corpo da água  
e a sua alma de orvalho e pó da terra  
na pendida vereda por chegar  
à alta beira do rio, o rio Vermelho  
de índios e padres, negros e paulistas.  
E o rio acolhe a chuva e o que vem com ela,  
folhas secas e sapos, e o arabesco  
dos restos mal deixados a secar:  
os guardados da vila agora gastos,  
o que a cidade usa e joga fora após usar.

## ***A cidade se pensa***

Dizia:

*Aqui eu ensaio a minha sobra  
o meu lento derramar de ao lado o rio.  
Daqui exercito o meu destino  
de fazer pontes e sobre o vão dos rios  
e depois pensar com passar sobre eles  
o difícil volteio de meu corpo.*

Dizia:

*Cortada entre veios de ouro fino,  
entre regatos e recantos de areias  
tenho um passar de anos que não pesa  
mais do que o turvo peso desse agora.  
Dessa mão carregada de recente,  
de “novo”, de “moda” e do “de fora”:  
o todo oposto do que eu fui e faço  
a cada dia e sempre, a cada hora  
na oficina das tintas de meus meses.*

Dizia:

*Carrego nas costas um deixar dos anos  
Magra ceia, pobre mesa pois perdida  
Na história antiga de meus becos.  
Ali, onde não passa quem passeia  
Fiquei protegida em meu silêncio.  
Fiquei escondida em minha festa.  
Fiquei em minha face mais acesa.*

*Aldeia de São José de Mossâmedes  
(hoje sem a aldeia e sem o São José)*

***lá, no meio da noite***

Chegando cedo, quem chega  
não lhe acorda, acordou antes.  
Quem chega mais cedo, chega  
quando acordada, levanta.

Quem aqui cedo chegasse  
saberia certo o passo,  
mas chegando noite a meio  
é como se não chegasse.

Quem se aponta pela tarde  
encontra a igreja e seu largo.  
Mas chegando noite a meio  
é escuro o caminho, e passa.

Quem pela tarde se apressa  
descobre da aldeia a face.  
Mas vindo na noite, tardo  
passa perdido e sem eira.

Quem ainda a claro aponta  
avista a igreja de longe.  
Mas chegando a noite antes  
a aldeia inteira se esconde

e São José vira a ponte  
de quem passa sem o pouso,  
pois sequer lhe encontra o rosto  
no escuro do espelho da noite.

### ***O cemitério no pasto***

Aqui são mais os pássaros  
do que as manhãs de outono  
os que acordam a pios  
a ensaios de ponteios  
o sono eterno dos vivos.  
São os passarinhos do dia  
empoleirados em cruces  
mais do que os sons da noite  
os que pela tarde embalam  
os bailes dos mortos:  
seu descanso de serem  
perseguidos da sina  
de estar vivo e esperar  
o descaso da morte.

Com um salto fácil  
o passante passa o muro  
e sai fora do campo santo  
a pastagens de verde  
onde um gado gordo remoi  
o seu resto de abril.  
Um capim ainda verde  
junto ao muro de pedra  
que separa em setembro  
em silêncio, ao sol posto  
os mortos, de seus outros.

***a surpresa do antigo****(Pirenópolis)*

Caminhar pela tarde em tal cidade  
converte em cronista o viajante  
quando ele vai passando em pedra antiga  
calcada a pé de gente e ao pó do tempo.  
Um tempo goiano como a manga  
que passeia pelas ruas como um dono  
ou como um outro imprevisto viajero  
alheio e atento ao que faz com a cidade  
quando pende sobre ela a sua sombra.

Quando deixa (o mesmo tempo) entre as casas  
um certo cinza entre o azul e a nuvem  
como quem pinta do rosto só as rugas.  
Como um mudo testemunho de outros corpos  
vagando por aji, pincel em punho  
entre casas e muros de pedra, entre degredos  
entre vasos e vazios dados ao arquivo  
dos anos, o mesmo e sempre,  
o tempo e o seu estranho sacerdócio  
de envelhecer os devotos e as igrejas.

E, entanto, deixa-los, homens, entre os vivos  
entre os vividos passos de passantes  
como você ou eu, cúmplices desse  
lento ver mudarem as coisas e os anjos.  
E então sonhar que sejam, como a morte,  
eternas sem morrer, sem deixar de serem hoje  
como ontem, como agora, como sempre,  
pensadas e esquecidas entre as noites.  
Entre as noites sem termo de seus anos.

***no monte erguida***

*(Diolândia, distrito de Itapuranga)*

Subiu nesse monte, coisa rara  
nessa terra de planos estendidos.  
Subiu no monte e pôs em sobre serra  
a sua noite escura, inacendida.

Subindo a serra assim pensava:  
*essa alta guarida me expõe aos ventos  
mas me protege de ser, como outras tantas  
perdidas no agulheiro da planura,  
povoados nos seus planos, cidadelas  
deixadas a seus recursos e atingidas  
de todo o canto ou de qualquer rumo  
cidades entreabertas, desvalidas.*

*Aqui não! Por sobre o monte e a noite  
um povoado dorme e acorda nesse lida  
de se pensar tão alto, tão oferta,  
e se sentir no alto como Ícaro  
E se saber no monte protegida.*

***povoados camponeses***  
*(Abadia de Goiás)*

Este não é um lugar de reis:  
não são nomeados, não existem.  
Se algum houvesse, quem entre  
esses homens rudes acostumados  
a reis de Natal e a reis de Negros  
curvaria ante a sua coroa  
a sua frente?

***semeada entre pedras***

No fim de um caminho “das minas”,  
sem outros caminhos de Minas  
diamantes e sempre-vivas  
é tudo o que dá Diamantina.  
Não há vagantes aqui,  
não há fantasmas. Se houvesse  
a cidade os convocaria,  
tristes errantes do escuro  
funcionários do turismo  
que pela noite errariam  
em balcões e esquinas  
desses chãos de pedra fina.  
Chãos de pedra dura ao trato  
de cereais e hortaliças  
onde crescem em orfanatos  
e roças de enfermaria  
moitas de plantas esquiadas.  
Mas não há flores mais claras  
(cantam aqui seresteiros  
do amor de moças, meninas)  
do que as que nascem nos campos  
das antigas noites frias,  
as noites brancas de estrelas  
dos julhos de Diamantina.

*Diamantina*

*20 de setembro de 1981*

***nas ruelas abaixo****(Diamantina)*

e um pouco mais no fundo, mais ainda  
nas descidas das ruas rua abaixo  
no aconchego barreado do cortejo  
de casas sem grades e sem muros  
e ruelas ainda sem placas, sem um nome,  
descobrir aqui em Diamantina  
os pequenos santos vivos e plurais.  
Os homens sem dentes e gravatas  
mulheres de escura pele áspera  
que a cidade de turistas multiplica  
nos lugares ausentes de editais,  
nos recantos entre lama e folhas secas  
cisternas e roseiras de jardim,  
poças de água parda e musgo verde  
entre a ordem antiga das cozinhas  
e a algazarra mineira dos quintais.

**objetos, pedaços**  
(Ibirité)

Por aqui a vida de Minas é nua e crua  
sobre terrenos abertos na pele dos morros  
um dia verdes dos sertões de dentro  
e agora rasgados e polidos a fio de faca dos tratores  
e depois aplainados à custa de força e geometria:  
tabuleiros rasos e chãos de casas magras  
sem telhados e com os tijolos sem reboco.  
Por aqui uma vida pobre se entrega avara  
e o casario que cobre o fio de terra roxa  
são remendos de pedaços ruins e sobras.  
Por aqui os jardins não existem ainda e nunca  
e nem há praças velhas onde o coreto divide  
o sábado entre os passarinhos e as retretas.  
Aqui as crianças aprendem acatar nos rios da chuva  
os restos do que sobrou em alguma casa acima.  
Catam o que desce a corrente rua abaixo e fazem disso  
os sonhos e os brinquedos das tardes e domingos:  
latas de cerveja viram carrinhos coloridos  
e caminhões foram um dia garrafas de plástico.  
Pedaços de madeira, seixos de tijolos restos de lixo  
constroem aqui pequenas cidades de mentira e magia.  
Eis que os meninos das ruas empilham a pilhagem  
recolhida dos restos da vida e das enchentes.  
No barro macio da manhã constroem casas  
onde uma vida mais real pudesse ser pensada.  
Onde uma vida sem medos pudesse ser vivida  
sem os medos da vida dos sonhos de um menino.

### ***O coração do homem***

Como aqui não há outeiros ou igrejas de outros tempos  
E nem casas de pedras cobertas com a aura do mofo,  
e como aqui, longe de Ouro Preto, não há mártires  
e nem vultos de quem a história guarde o nome e uma frase,  
e como aqui nem houve um santo que desse ao lugar uma capela  
e uma romaria de maio aos devotos de estradas distantes,  
como aqui nem há becos ou ruas de pedras antigas  
e nem sequer o registro fácil das lendas  
dos tempos de senhores e escravos fugidos,  
e como nunca casa algum foi um dia transformada em museu,  
Ah, viajantes! Deixai que nesse lugar ermo do mapa de Minas  
as pessoas da rua, sem nome e sem gravata  
e com o coração à espera da novela das oito  
sejam tudo o que de grande para ver e festejar  
entre esses campos verdes até abril todos os anos  
e cobertos de sinais do trabalho de mãos na terra.

***lugares vazios***

Tenho como as outras mil uma estação de adobe, antiga  
e os trens de Minas passam por ela e não param mais.  
De noite eu os chamo à minha festa de noiva e acendo luzes  
e espero quem venha. Pois não há nada aqui em nome de quem  
às sete horas, depois do pôr-do-sol uma cidade  
anseie o seu lento trem mineiro de cada dia.  
Há vilas em Minas onde nas horas incertas  
dos vãos sombrios e frios da madrugada  
um trem vindo de longe, para ali por um momento  
e sem pressa troca mineiros por mineiros.  
Mas, por aqui eles passam e apenas passam  
carregados de sono, de horários e minérios.  
Passam tão depressa que nem os cães e nem os bêbados  
levantam as cabeças para ver quem vem de longe.  
E não há, saibam, coisa alguma mais triste  
do que uma cidade semeada em chão mineiro  
a quem é indiferente o trem e o seu passar.

***cidade sem praça***

Não espanta saber que haja alma  
de mortos perdidos vagando no sertão.  
Espanta saber que possa haver alguma  
A vagar sem coração.

Como pode pois uma cidade  
existir sem ser à volta de uma praça  
e o eu clarão?

De que matéria viva pode ser a cidade  
sem o centro do mundo que lhe dão  
a praça, a igreja, os mendigos e os pardais?

Sem o ao redor do que fazer-se à volta  
de uma praça aberta aos mundos longe  
entre manhãs de domingo após a missa  
e o sem rumo dessa Minas dos Gerais?

### ***ofício de plantar***

Todos os outros ofícios dos milênios  
mesclam a matéria da terra com partes mortas de seus frutos  
e disso fabricam o testamento dos bens do homem:  
o tijolo de barro, a roda de aço, a mesa de madeira.  
Só o teu ofício mistura à terra a própria terra  
e atira nela o grão vivo que morre e renasce  
em multiplicações do próprio fruto.  
Por isso os ofícios dos outros são artes de ciência,  
alquimias aprendidas nos porões dos magos do norte  
que transformam nos fornos e bigornas dos senhores da terra  
os metais do mundo. Mas o teu é o único exercício humano  
que recria da vida a própria vida molhada de janeiro.  
E os senhores sabem que fazer a vida brotar do silêncio  
do orvalho e do trabalho é terrível,  
porque a vida persegue os poderes e as armas  
e ameaça o passo dos guerreiros errantes.  
Por isso fazes artes de profeta e és um sábio anunciador.  
Por isso os grandes te vigiam de perto e te fazem servo  
e te tomam por maldito, condenado a viver fora do castelo.  
Por isso contra ti lançam exércitos e juízes de toga.  
Por isso te temem pelas gerações e fazem de ti -  
sagrado como um caminho de terra molhado entre duas pontes -  
um exilado outra vez expulso da terra que trabalhas.

*24 de janeiro de 1982*  
*Santa Luzia – Goiás*

***o semeador***

A noite não demora na morada do escuro,  
ela anseia o claro alvorecer da manhã.  
Estava o semeador de auroras  
sulcando a aragem da terra  
com riscos de um fio invisível  
que somente tecem e sabem tecer  
as mãos hábeis dos rituais do amanhecer.  
E alvorava o dia de ele trabalhar a terra  
na suave equação que de grão em grão movia  
a misteriosa arquitetura do universo.  
Ali, como se a história das coisas e dos homens  
a cada dia nascesse de novo desse gesto ancestral,  
pois todas as coisas são o que o homem planta  
e cultura é o nome dado ao que ele colhe e canta  
enquanto corta a braçada de cereais.  
Estava o semeador do oitavo dia  
dizendo um a um os seus nomes aos frutos que iam nascer.  
E como quem dá o nome dá a vida,  
pronunciava sussurros de um rito sagrado,  
como um mago vestido do branco alvo da neblina.  
Não como um lavrador de três alqueires.

*28 de junho de 1977*  
*Santa Luzia, Goiás*

***algumas tarefas comuns***

Amassar a massa irmã da terra  
no oco do pilão da mão.  
Quebrar à força a trama de aço  
que existe num torrão de terra dura.  
No céu do chão traçar o risco  
fundo que há no rio azul do sulco.  
Recolher da sacola do semeador  
depois, aos punhados, a semente  
e espalhar pelo rastro da canção da chuva  
o milagre do grão e a cor de sua alvura.

*13 de maio de 1979*  
*Goiânia*

## ***O canto do trabalho***

Antes do mutirão na antiga aldeia  
de São José de Mossâmedes  
os homens da terra chegaram com a madrugada  
cantando com violas e violões o canto da “traição”  
na porta da casa do lavrador, vizinho e compadre.  
Depois da manhã, durante todo o tempo do trabalho coletivo  
de limpa do campo atrasado para o plantio do grão de arroz  
havia gritos de avisos e troças de uns para os outros.  
E havia longos momentos cheios da luz dos cantares do eito,  
quando parece que a voz de todos aumenta o poder do braço  
sobre a enxada e a terra vermelha do cerrado  
inventava ser mais macia quando os homens lavram  
cantando no seu corpo.  
No fim da tarde, quando o trabalho da limpa acabara  
e o campo ficou pronto para o sono da semente,  
os homens do adjutório voltaram de novo para “casa do dono”  
com as cabaças de água vazias  
e os instrumentos da roça nos ombros.  
Voltavam juntos cantando canções do trabalho,  
músicas de uma memória antiga que se canta só naquela hora.  
Num gesto cheio de flores do campo e de rituais  
os homens do trabalho devolveram o “dono do serviço”  
à “dona da casa”, e beberam nos mesmos copos a pinga do alambique.  
Depois da janta de arroz-com-pequi e carne de leitoa  
formaram na sala do rancho as duas filas da catira  
e cantaram e dançaram noite adentro  
batendo palmas e sapateando a alegria da hora.

Quem passasse apressado na estrada poderia dizer:  
*só o povo canta assim o seu trabalho,*  
*só o povo canta durante o trabalho,*  
*só o povo festeja o trabalho coletivo e canta depois dele.*  
Porque ele não perdeu ainda a força ancestral  
de conviver com os fluidos da terra,  
e só ele faz e refaz o rito sagrado de arrancar dela,  
mais do que os frutos da terra, a doce amêndoa do trabalho solidário.  
E somente os ritos naturais do homem ao criar a vida  
merecem cantos coletivos de louvor e de esperança:  
antes, durante e depois.

***o semeador meeiro***

os cristais polidos  
dos grãos de arroz  
escondem a história  
das trocas do semear  
e as leis do esforço  
de quem semeou.

Inventa mentiras  
à mesa do jantar  
essa massa branca  
e branda na boca,  
sobre o ardor do duro  
fazer fundo o sulco  
e plantar como servo  
pelo chão o resto  
do pouco que sobrou.

Diamante múltiplo,  
muitas vezes único,  
furta o arroz no saco  
do papel de celofane  
a memória da colheita  
feita em “trato à meia”.

Jóia fina á venda em feira,  
objeto raro de relojoeiro  
o grão polido e lapidado  
do colar das contas do arroz  
nada conta do que seja a sina  
de semear o grão em terra alheia.

*São Félix do Araguaia  
15 de maio de 1978*

***voltar do trabalho***

Exilados da luz do dia - já é noite  
e o vozerio das estrelas invadiu o céu do outono -  
de novo juntos na margem esquerda da estrada  
os camponeses de junho refazem o mapa de volta.  
Ei-los. Carregam no vão macio dos ombros  
o bastão da enxada que na ponta pendura a cabaça vazia  
da água, pequena primavera no dia de trabalho.  
Carregam o peso desse dia e por isso arquejam o corpo  
mesmo quando não é mais preciso, porque o ofício de andar  
descansa o dorso na curvatura a que obriga o de carpir.  
Os mais ágeis livram os dedos  
e com os artefatos dos primeiros caipiras  
fazem pelo caminho a arquitetura sábia, mais que a álgebra  
de um cigarro de fumo goiano e palha de milho.  
Entre o cantochão dos sapos na beira dos brejos  
e a orquestra de flautas de grilos e cigarras  
esses homens não cantam e apenas abandonam aos pés  
a música dos cantos de voltar. Viajeiros do outono.

***situações de plantar e colher****uma*

o jeito goiano de colher com a mão  
o que o mato dá sem mágoa  
e o cerrado sem cobrar:  
pequi, caju, mangaba, madeira, mel de abelha  
dados de graça, catados com a mão cheia  
dos repentis de amor da natureza  
que não cabem no arrendo nem na meia  
e não põem placa de “vende” na parede.

*outra*

a lei paulista de plantar com o arado  
o que a roça dá com avareza  
e o dono cobra à vista:  
milho, feijão, arroz, soja e aguardente  
“dados” em fero trato feito à meia  
sob o dedo do poder do fazendeiro  
que engorda às custas do trabalho alheio  
em casa grande de fazenda e tulha cheia.

*São José de Mossâmedes  
5 de janeiro de 1982*

***o ofício do fiar***

*(em quatro lances de linha)*

*um*

o tecido que velhas mulheres fazem, fiandeiras de um saber arcaico cuja origem ninguém pergunta. A urdidura que torna em pano a polpa branca enovelada do algodão. A roca que as mulheres do sertão pronunciam “roda” e se faz rodar sem descanso desde a madrugada sob o compasso binário do pé da anciã.

*dois*

não há arabesco mais ágil que o do desenho dos movimentos das pontas dos dedos da mulher fiandeira. E que outro ser de todos os continentes torna mais útil os jogos da manhã do que a fiandeira tecelã? Aqui é onde o ruído da roda a rodar enovela os fios vegetais da fibra que alguma manhã de maio colheu há um ano. Falo da arte e do amor.

*três*

penso na estima que se devem ter esses corpos frágeis de louça viva. Mulheres a quem alguma doença do sertão sempre torna débil, e que se tocam com carícias de comadres sem apertos e beijos no rosto, quando antes do trabalho se encontram e se abraçam quase com medo do que fazem. Sinais de carinhos vestidos de silêncios. Falo da estima. Falo de uma qualidade de amor que entre si têm as pessoas da terra e certas espécies vegetais com que convivem por milênios de gerações.

*quatro*

que bailado é mais rude entre as danças de roça do que esse baile diurno: solo que a fiandeira faz com o só compasso dos tambores do tear e as flautas finas das lançadeiras do fio de algodão? Dança que ela própria toca no órgão de que o pé é maestro sobre os dois paus das pisadeiras. E move a tecelã o corpo com a precisão de uma tropa de soldados, enquanto os braços jogam de um lado para o outro, no mesmo compasso binário que rege todo o ofício, a embarcação da lançadeira. Barco que faz viajar sob o tecido em que a trama na dança faz o fio de linha fina de algodão.

Falo de ritos do amor e do trabalho nos sertões de Goiás.

*Goiânia*

*26 de janeiro de 1981*

***três instrumentos de lavrar****o machado*

nada há mais certo  
do que o golpe  
desse parceiro da morte.

*o arado*

de tanto escavar os veios da terra  
e polir entre os seus ossos minerais  
o seu aço, brilha sob o sol de março  
a sua lâmina - vela de sulcar.  
é seu o ofício de navegante de um mar  
onde o barco faz o rumo e a onda,  
marola que lhe afia o fio da proa  
apontada sempre para o lado do campo  
onde o porto da noite vai chegar.

*a ceifadeira*

a luz da estrela mais próxima  
brilha no fio dessa arma cortadeira.  
Na mão ágil do ceifador de arroz  
a lâmina recurva corta e recorta  
e no curvo do aço que lhe dá o ofício  
arranca aos punhados, quando vai e volta,  
o buquê dourado da flor do grão do arroz.

*Goiânia*

*2 de março de 1981*

***figuras na sombra do dia***

Com o corpo por igual curvado  
forçam o fio da enxada e escavam o chão.  
Com a curvatura que dá ao corpo enfim  
a figura de um arco tenso,  
instrumento de carne e nervos adestrado ao trabalho  
fazem cantar a música da matraca.  
Ela atira punhados de grãos de milho  
a distâncias regulares no sulco,  
trilha que uma noite antes  
o arado puxado por dois burros  
riscou na folha do mapa da lavoura:  
desenho que o lavrador faz de memória  
de tanto traçar e apagar a mesma tela.  
Com as duas mãos polidas de tanto fazer  
o ofício de lavrar, cheias dos sulcos  
do arado na carne,  
o lavrador prepara outro ano do sono da terra.  
Embora haja ali sinais de um coito  
nada há que na boca da noite  
sinalize qualquer espanto de prazer.

***a consciência de classe***

Enquanto lavrava a golpes  
de machado o poste de aroeira  
o negro lenhador chamado Berto,  
nascido no Faina, perto de Cavalão Queimado,  
apontava com o dedo o dono  
ao longe na serraria e dizia assim:  
*camisa dele quem dá é o meu trabalho.*  
Diz-se no Faina que o machado de Berto  
é o mais afiado e certo do lugar.  
E a fala do negro, também.

*Cidade de Goiás*  
*3 de junho de 1979*

***festas de colheita***

Rasguei o calendário. Não sou homem que conte os dias do campo correndo com a ponta dos dedos a fila dos números. Olho as estrelas. A variação da luz do cosmos e a posição de alguns astros na nave do céu me diz a era dos meses. Meu tempo são as estações, sou um homem de lavrar.

Duas vezes por ano chego à janela e digo aos da aldeia: celebrai aos ventos as vinhas de outubro! preparai o corte dos instrumentos de ceifar! celebrai, digo, as chuvas do verão e os frios do inverno! A cada tempo a sua festa, mesmo quando há fome. Há um tempo de vesti-las de lã e aconchegá-las junto ao fogo. Do mesmo modo, digo aos da aldeia: com os mesmos gestos rituais não se pode celebrar o tempo em que sobre a pele do solo se ara o chão e aquele em que a ceifadeira corta o caule do arroz. Não há mês como abril, digo aos que colhem. As colheitas passaram e passou o tempo da quaresma. Celebrai, grito da janela, os cereais de março! Olhai os campos de pastagem! Vede os capins! Antes de serem todos os anos, desde o começo dos tempos, ao sol de maio e aos frios de julho secos e queimados o que há de mais belo do que a sua floração? Que roseiras sacodem no jardim dos ricos flores mais finas? Celebrai, digo aos que colhem, as sementes que jogam ao chão!

*14 de junho de 1979*

***os brincos***

A alegoria das coisas em que cremos  
pende dos brincos por causa de quem  
nossas mulheres e filhas furam as orelhas.  
Quando é maio, com o dinheiro da venda dos bens da terra  
compramos colares, cruzes e brincos de ouro,  
Para que eles pendam como bandeiras, pequenas flâmulas,  
sinais dourados esculpidos com pedras, rubis de brilho  
na carne magra das mulheres do povoado.  
Pela mesma razão penduramos também na parede de adobe  
pintada a cal aguada dos ranchos que fazemos  
e barreada de amor polido ao sol, e que cobrimos com capim  
seco, colhido em maio, quadros de feira coloridos.  
Caros quadros comprados em domingos de romarias.  
Ali colocamos o retrato dos vivos e dos mortos:  
os antepassados, seus filhos e os netos.  
Da parede nossa gente nos olha, sagrada como os santos e deuses  
pendurados por igual entre os nomes da família.  
Por isso colamos cenas das folhinhas de armazéns  
que ali ficam por gerações de anos e anos,  
figuras ao vento nessas terras onde bandeiras que há  
são as que viajam em janeiro e viajam em maio  
à frente dos tropéus de foliões de Reis e do Divino.  
Tantos seres e cores quantos caibam nos quadro da memória.  
Tantos quantos caibam pendurados em paredes e corpos:  
medalhas, brincos, panos dos três Reis, fotos de parentes,  
virgens, santos, pretos de almanaque e senhores do céu.  
Não somos como os ricos que comem á volta de mesas  
e ali colocam velas e grandes jarros com flores.

Comemos em pratos de alumínio. Catamos com os dedos nas panelas de barro as porções do almoço e acorados à volta do fogão comemos na cozinha. Flores que colhemos no campo à volta do trabalho, ou no jardim roceiro que mistura vegetais de cheiro com as ervas antigas de onde tiramos a saúde, colocamos em pequenos vasos de porcelana barata debaixo do retrato dos ancestrais.

A eles fazemos nossas rezas, preces de ramalhetes que as filhas colhem para os santos e os mortos, seres que os ritos da memória tornam iguais e imortais.

Vivos e presentes, vestidos de lenços e roupas de festa, com os chapéus de domingo que tinham na cabeça e os olhos pregados na janela de tampos de madeira.

Vivos, tanto quanto nós.

*5 de dezembro de 1981*

***o bendito de mesa***

Pegar esse canto pelo braço. Erguer  
essa reza pelo ponto do corpo mais difícil,  
a parte mais acesa dos ofícios do rezar.  
Envolver o Bendito na armação pura da voz.  
Enovelar o fio das sete notas, seus bemóis,  
com o aço do laço puro da fala e seus anzóis.  
Cantá-lo só e desenvolvido sem violas  
a oito lavradores do sertão.  
A oito vozes diversas de goianos,  
pássaros de um grave acento antigo.  
Rezadores de Reis que com a mão  
desfiam da mesa em volta à volta longe  
de serras, campos e povoados,  
o sagrado que se canta na oração.  
Cantar o canto a plena pura voz,  
a toda inteira vontade de cantar.  
Como se acaso a voz, o canto e a prece  
tomassem conta de mais de meia vida  
dessa gente vida afóra usada e havida  
no silêncio dos enredos do lavrar.

*São José de Mossâmedes  
Em algum dia de algum janeiro*

## ***Tempos de espera e de presépio***

### *O primeiro*

A alma tem disso no Advento:  
Ela espera pelo anúncio de uma estrela  
e o murmúrio do choro de um menino.  
*Deus* - diziam os antigos -  
*é quem fica quando tudo foi embora.*  
Mas é muito para quem espera tanto  
e um deus que nasce bem podia ser assim.  
Pois dele eu quero um toque pequenino  
do gesto com as mãos sem o milagre  
e sem o brilho de uma estrela no Oriente,  
Quero os passos de três velhos no deserto.  
Quero um pouco de paz, um pouco, mas sem fim.  
E o bem do amor, como um pão que se reparte  
quando veio a noite e um fogo aceso  
reúne em volta seis homens que se abraçam  
e perguntam pelo nome, uns dos outros  
e semeiam pelo campo pés de amora  
e vão embora sem a espera de colher.

*o segundo*

O realejo da vida tem seus dias  
e algumas vezes pensamos saltar deles  
a outros mundos, não sei, a outra vida.  
O trem parou na estação: eu fico aqui.  
mas nem é ela: a vida. Somos nós, sou eu!  
E em dezembro eu sento neste banco e lembro  
e toco a mão no pulso e espreito a vinda: do que? De quem?  
E a vida existe e me sinto: sou seu filho e espero  
e sentando num banco de estação sou herói errante  
e é quando alguém me diz:  
*para, escuta, é tempo de Advento*  
*um deus, menino, você sabe? Sabe?*  
*Há muito tempo...* e ele se cala.  
Cala e vai embora.

Algumas vezes sobramos de nós mesmos:  
somos um e somos tantos e nem cabemos  
nas contas de Vinícius de Moraes  
e nem no vestuário vão do corpo.  
E então ele aperta como a roupa de um outro.  
Mas o que em nós olha e espia no horizonte  
e diz, como um profeta: *quem vinha vai chegar!*  
E cala e espera, e toma um vinho tinto  
pois há mistérios que ditos perdem muito.  
É quando pensamos: a alma existe  
pois o que é de mim que há e sobra aqui?

E perguntamos, como um dia em Isaias:  
*vigia, vigia, o que é da noite?*  
E ele lê e responde (você lembra?)  
*A noite vem e vem também o dia!*  
*Quem esperar, espere! É advento*  
*e há um rio no Oriente e há um deus,*  
*e um dia vai vir ali e beber água:*  
*e esse é o milagre. Este é o milagre!*  
E ele vai dizer: *benditos os mansos, os pequenos.*  
*E o resto são mitos, como Lázaro.*

Às vezes somos os desejo do silêncio, e só.  
E então, quem canta em nós? Quem canta?  
Quem rumoreja esse hinário de cantigas?  
Esse desejo de cantar baixinho  
a um menino que nasceu na noite  
não sei se em Belém ou se em meus sonhos?

***por três reis de folias***

Foliões viageiros treze dias na estrada  
entre casa e casa tocam viola e pandeiros  
e cantam com seis vozes a notícia conhecida  
da vinda de um menino: um hebreu, um alguém,  
um carpinteiro, um messias ou um rei.  
Foi tão longe, tão antes daqui.  
E cantando versejam sobre homens e bois, anjos e pastores.  
E levam violões, sacolas e palhaços.  
Viajam sertões a cada ano com a nova da festa  
na roça, na casa de alguém, no dia seis, em janeiro.  
o morador de cada rancho recebe a folia  
toma nas mãos a bandeira-guia e pela casa  
de chão batido desfila bênçãos e pedidos.  
Ali se canta e recanta de novo a notícia do menino  
de um Belém aonde todos vão e ninguém foi.  
Alguns choram pela casa, outros cantam  
enquanto as mulheres coziam carne e arroz  
e sonham os gestos de Marta e de Maria.  
Os jovens palmeiam na sala uma catira  
e as moças pendem brincos entre as tranças  
e se lavam com água e erva doce.  
as velhas se apinham e rezam contas de um rosário  
entre benditos com lentos ritos de crença e poesia.

À volta da mesa e ao redor do terreiro  
comem todos juntos a mesma comida  
e entre todos os que comem e cantam trocam bênçãos.  
solidários foliões de santos reis dos ermos do mundo  
na vigília de uma velha história a noite inteira.  
Afinal, se diz, um deus nasceu um dia  
em alguma noite como aquela, longe e aqui  
e um menino de novo sempre está nascendo.  
Solenes e piedosos roceiros de Santos Reis  
arautos de uma pequena e igual estória:  
*Eles viram uma estrela, viram e vieram  
e acharam na lapinha um menino.*  
Uma estória de fadas entre tantas  
com bichos e bruxas, magos e pastores.  
Um casal e seu filho, uma promessa  
entre trapos e o mugir de um boi.  
E no silêncio de um canto um velho diz:  
*Meu avô me disse que foi assim, e assim foi!*  
Uma história real porque se canta e conta  
e em nome de quem crianças ganham nomes  
e treze noites no ano ganham cantos e comidas.  
E se um dia foi assim como se canta,  
Então lá no sertão como em Belém um dia  
O inverno é de novo a primavera.

***alguém, algum dia***

Crer em quem partiu  
e disse: eu vou voltar  
e os dias passaram  
e não voltou ainda.

***sobre o amor solto nas ruas***

*(Goiânia, num sábado)*

A mulher catava latas de cerveja.  
Um fio de sangue, um corpo na calçada,  
um cego cantava sambas na porta do bar.  
Eles se beijavam como se fosse março  
e um velho aos farrapos parecia Cristo.  
Dois meninos dormiam em papelões  
um bêbado pensava que era deus  
e de um outro deus falava um crente.  
Vendia doces e dizia: “é doce!”  
Andava com muletas e sorria.  
A tudo a natureza inunda de aves calmas.  
Vagarosas no vôo como os velhos.  
Sábias no que calam como às vezes as crianças.

## ***Três pecadores dos rios de Goiás***

### ***Luis Palacin***

Luis Palacin costumava transformar-se quando n'água. Exemplo: sendo espanhol tirava o terno e a gravata. Outro exemplo: mesmo padre nunca esperava um milagre nem permitia na pesca novenas, preces, rosários.

Quando pesca joga na água proposições demonstráveis teorias controversas, teoremas que propunha aos peixes com quem lutava entre equações que ele urdia e contra o rio atirava.

Se o próprio Cristo dissesse:

*Luis Palacin, lança a rede!*

Com certeza na lançava.

E jesuíta, humilde

reverente e inquebrantável

a Jesus responderia:

*Meu bom senhor me perdoe*

*mas quem pesca não quer graças.*

*Na vida, venha o milagre,*

*Na pesca só a charada:*

*Como esperar pelo peixe*

*E a sua carga de azares,*

*como entrar em luta armada*

*com anzóis, linhas e redes*

*contra efeitos previsíveis*

*(mesmo quando favoráveis)*

*contra o que rouba da pesca*

*sua magia quase exata.*

***Joel Pimentel***

Para Joel Pimentel  
pouco peixe é pesca boa  
assim como muita pesca  
é peixe pescado a toa.

O que na pescaria vale  
é o ser da pesca pensado.  
O que vale é o só pensar  
a coisa-em-si e o seu ato

mesmo quando o peixe, raro  
seja ainda demorado.  
Ainda que o peixe, ralo  
Não ocupe meio prato.

Pensador de vara e livro  
pesca sem lances de anzol  
e pescaria sem rio  
e até sem o peixe, pescava.

Pois mesmo que volte à casa  
sem nada – jornada fraca,  
pesca e guarda na cabeça  
a própria pesca pensada.

***Modesto Gomes***

Modesto Gomes não pesca.  
Escreve sobre: relata.  
Escreve “sobre” e, escrevendo,  
pesca segredos de fada.

Quando pesca ele se amarra  
não ao peixe, mas à pesca  
ou nem à pesca, mas dela  
o que se conta entre casos.

Modesto Gomes, cronista  
quando pesca, pesca assuntos:  
menos o peixe que o outro  
falando da pesca a fundo.

pois mesmo que minta, é relato  
e mesmo que invente, é fato.  
e escritor, ele escreve  
E a faz do ouve, o seu conto.

Não pesca, mas se pescasse  
seu estranho peixe virava  
mais do que o prato, a notícia,  
melhor que a comida, o caso.

**Riobaldo**

*(na beira de algum rio)*

Me amuo e olho e vou.  
No “de Janeiro”!  
Eu perguntei quem era  
No rio do Sono  
Eu descobri quem sou?

**Riobaldo**

*(na beira de outro)*

De noite, sozinho  
eu me desvisto  
aqui na beira  
Deste rio.  
e de amor  
eu tremo, mano.  
Tremo de ânsia  
e não de frio.

**Diadorim**

Um friozinho de triste  
Essa noite entrou em mim.  
Eu ia indo, nem fui.  
Eu vinha vindo. Vim.

**Bastião Bento**

*(folião de Santos Reis)*

De tão longe eu venho vindo  
gente... e nem bem cheguei.  
E nem sei se fui ou vim de lá.  
Não sei se fui, não sei se andei  
o tanto da promessa  
que os meus de antanho  
(Bentos como eu, de outros tempos)  
me fizeram um dia.  
Não sei se vim de lá, não se fui  
nem sei o quanto do caminho  
eu caminhei.  
Mas cheguei vindo de longe  
e cantei pra Santo Reis.  
Cantei. Cantei!

***dois sertanejos do Norte de Minas******Manuelzão***

*(do Andrequicé)*

A tralha pendurada  
na parede. Guiei boiada  
desde que era gente.  
Alarguei sertões  
com a minha tropa  
e chamei trovões  
com o meu repente:  
eh boi! eh boi! eh boi!  
Agora – velho – eu sei:  
o melhor caminho,  
mano, é o que já foi.

***João Braço***

*(do Mendanha, beiras de Diamantina)*

Lavrei diamante  
uma vida e meia  
todo o dia, inteira.  
Ganhei essa pele suja  
de uma cor escura  
e esse sangue  
na lama da peneira.

**João Guimarães Rosa**

Quando dizem: João”  
digo Joões, Joães  
pois pãos ou pães  
é questão de opiniões.  
Digo o pouco e o perto  
(e o sertão sem fim)  
conto estórias, causos.  
Conto um conto e outro.  
Eu, então: João.

Quando: “Guimarães”,  
Digo Guima, guimba,  
digo graças, rios  
riachinhos, riachos,  
digo Riobaldo  
(e o sertão sem fim)  
e embarco, baldo  
na terceira margem  
do meu rio de mim.

Quando dizem: “Rosa”,  
digo eu: rosa (flor)  
digo fora e afora  
flor ou flores, flora.  
digo de repente  
o que diz a gente  
do sertão sem fim  
quando pega a viola  
e vai indo embora.

***Momento***

Não fora de argila essa manhã  
no forno que acende o sol do sul,  
e nem cantasse na mata um urutau  
e este riacho estreito e arrependido  
de haver deixado o alto de seus montes  
onde o nome de Deus se fala com três letras  
e essa música a murmurar nos teus ouvidos  
uma canção de amor e esquecimento,  
essa música, ouve, que poderia ser de anjos  
e é de água e de peixes, pedra e sonho.

*Rosa dos Ventos*  
*30 de dezembro 2003*

### ***a idade do ouro***

O sol de outro dia molhado das águas de leste ilumina a fila de passos que fizemos a meio caminho longe, tanto que o grito da esposa à porta do rancho não alcança o lugar onde trabalhamos a terra. Em nome de que ser devemos portanto repetir três vezes por dia o dever da oração?

Houve um tempo em que o arfar do peito de nossa gente era o primeiro sinal do amanhecer. Os encontrareis semeados pelo campo com cruces de aroeira a um palmo do lugar da cabeça. Vinha o iluminador de outro dia molhado das águas de leste e os achava no eito, os velhos da raça de que somos. Somos uma gente digna, pois os homens e alguns deuses - até mesmo os dados aos prazeres e ao vinho - anunciam que o amanhã da terra é a dignidade do homem, e os símbolos e do que fazemos com a terra são temas de parábolas.

No entanto comemos em pratos de alumínio barato e as gerações que temos amassam com os pés nus a lama dos quintais, lugares de alquimias da vida, mais do que os dos sábios que comem do que colhemos e em troca ofertam estranhos pós e poções que tememos usar. As florestas que resistiam às primeiras caravanas nós as derrubamos com machados e grandes fogos cuja linha de ferreiros e bigornas dias e noites clareavam os serões de agosto a outubro. A selva era submetida ao temor da cultura e reduzida às cinzas que a chuva fazia serem a cada outubro o adubo da germinação da terra. Chamas da terra convertidas em verde. Os ossos da floresta reduzidos ao pó que misturamos com a semente dos cereais e com o trabalho transformamos em grãos infinitos.

Multiplicadas as notas de nosso padecer de povo pobre,  
tornamos ritos de mortos algumas antigas canções de bodas  
que tínhamos e gostávamos de ter, e que por muitos anos  
foram toques alegres entre palmas e passos de sapateios.  
Hoje são passos descalços dos que seguem a fila do cortejo  
dos mortos, adormecidos em redes brancas de panos de algodão  
e antes do outono recolhidos à mansão dos dormidos.  
De uma geração à outra, como a poeira do chão  
que o passar do tempo torna estéril,  
contamos maiores os números dos nossos males:  
nós, os homens ingênuos do amanhã da terra.

A primavera de uma era perdida, anterior à moeda,  
e primeiro foi o tempo ancestral dos seres nus  
que não plantavam nem colhiam e dos claros das matas  
catavam frutas doces, mel e raízes boas para comer e curar.  
E bebiam águas cristalinas de verdes rios sem donos.  
Aquele foi o tempo de possuir os dons da vida  
e conviver com vigílias de deuses,  
forças do universo cheias de nomes e sinais  
a quem a cada manhã os homens criavam outros nomes  
e que a cada estação renasciam transformados em flores e grãos.  
A pulsação da terra os nossos ancestrais sentiam  
pondo o oco da mão direita sobre o coração.  
A variação dos tempos: secas e chuvas, verões e primaveras,  
eles adivinhavam acariciando o veludo da própria pele,  
ou olhando o sinal do cosmos, seja entre as estrelas da noite,  
seja dentro do brilho do céu dos olhos de alguém amado.  
As estações do ano existiam na alma do homem  
e os seus corpos vibravam em comum comoção com a tempestade  
ou as noites em que a brisa mal move uma folha.  
Colocar no corpo das mulheres fluídos brancos de vida  
era tão diário quanto encher de água limpa  
a concha das mãos e beber. E era tão sagrado.

Foi um tempo anterior ao arado  
e os ritos dos moços celebravam formas de vida  
que corriam livres entre as veias da tribo dos homens que fomos  
e de agora não há mais do que sinais em grutas e montes:  
sinais de uma memória que de acordo com os sonhos que tem  
os velhos da aldeia avisam que viram e que existe.

Depois foi o tempo de aprender a lavrar os campos.  
E primeiro a terra foi de todos, os campos sem cercas  
e as roças sem nomes. Os tipos de gados que tivemos  
corriam livres entre terras em busca de aguadas.  
Longe alguém bradava uma palavra de mesma crença comum,  
e de casa em casa ela ia, viajeira do vento.  
Os homens eram iguais, tinham em suas mãos os mesmos sulcos,  
E entre eles casavam filhos e filhas,  
Pois todos sabiam os passos das mesmas danças.  
Os senhores existiam longe, em terras cujos mapas  
sequer sabíamos pronunciar. Eram raros os comércios com os maus  
e por isso se podia pensar que a Terra era plana e parada no ar.  
E por isso por toda a parte se sabia crer que os mortos  
voltariam um dia ao mundo e seriam crianças como foram.

Essa foi uma era perdida, primeiro dos dias,  
depois, da memória dos homens. Sobraram alguns mitos e ritos  
que às vezes contamos e festejamos em noites de junho.

*Ouro Preto*  
*18 de janeiro de 1980*

***nomes, mortes***

Muitas mortes há.

E o doce manto da noite estendido sobre os fogos do dia não as oculta. A algumas podemos resistir com o ofício ancestral de nossas armas naturais: arados, foices e violas. São os nomes das mortes da fome que quando somos livres não resistem seis dias ao poder do trabalho e da terra. A essas mortes queimamos aos sábados em fornos de barro de onde as mulheres retiram tabuleiros de pão.

Muitas mortes há.

E mesmo a brisa na madrugada vinda, a que dobra tênue o tecido da noite nas as espalha. Para outras são exigidos os usos dos terços e rosários que as velhas da aldeia desfiam entre os dedos.

Preces que fazem a seres que não vemos,  
mas que estão lá, porque as velhas que sabem dizem que estão.  
Outras não enfrentam o poder dos magos que temos,  
Homens que dançam e a quem obedecem as estrelas.  
Os que salvam dos terrores do oculto as tribos de quem somos.

Muitas mortes há.

E até o sol que desvela os poderes de fogo  
e os nomes de inverno dos seres do mundo, não as decifra.  
Porque há mortes com um nome desconhecido.  
Mortes com o nome oculto dos segredos que os sábios  
que temos nos contaram. Por isso essas mortes nos matam  
e pelos cantos da aldeia catam nossos filhos.  
São mortes que chegam de fora e aterrados perguntamos:  
como vencer os poderes do que não sabemos nomear?

*Cidade de Goiás*

*13 de fevereiro de 1979*

***o primeiro dia***

E viriam vindos de um país de amêndoas  
e línguas sem o “ele” e sem o “eme”,  
homens ágeis e alegres como em festa.

E virão cantando e dizendo: “cantem”.

E soprarão flautas e tocarão tambores  
e entre danças de abril dirão do Sol:

*Ele não é Deus, mas como um deus seria  
e por isso temos nos corpos sóis e bailamos nus,  
e a mão esquerda temos tingida de azul real  
e a direita de lilás e carmesim.*

Do que aprenderam e sabem virão dizer:

*nada viemos ensinar pois destas coisas*

*cada um aprende com o vento o seu quinhão.*

*Temos apenas estas danças e dançamos*

*com os pés no chão do orvalho e da aurora.*

*Não somos anjos, não anunciamos o futuro*

*e somos seres de carne e de sopro e barro:*

*nós, os que viemos de longe para dizer com danças*

*que há tempo ainda e o tempo é sempre agora.*

***O silêncio***

Guardo para te dizer um dia  
quando chover de novo no sertão  
a palavra nunca dita.  
No silêncio semeio o seu segredo  
e me revelo a ti de não saber, eu mesmo  
o que tenho a te dizer e calo ainda  
até quando chover de novo no sertão.

***a tarde, a noite***

escuta: os tardos bois da tarde  
amanham grãos de março  
e sobre um monte onde há vozes  
voam três aves e anoitece.  
O escuro cai e faz frio.  
Troveja longe e um raio rasga um véu  
feito de orvalho e sonhos de menino.  
Há uma lembrança ontem esquecida  
de ser lembrada pra sempre nesta noite,  
e sobre o corpo do campo  
algo de um rosto paira  
como a pessoa de um morto.  
A foice cortava ontem  
o que não é prado nem festa  
no alqueire verde do chão.  
Não há um sino que toque  
nesses ermos de sertão,  
mas às seis horas da tarde  
algumas mulheres velhas  
cessam ofícios de fogão  
e abraçam não sei que nome  
como o de um filho ou de um deus.  
A noite cai onde quer  
e para florirem os ipês  
com cores de alma e sombra  
a lua e as estrelas esperam  
fogões apagados, cinzas  
e o sono das chaminés.

*Pretos de Baixo – Joanópolis, na Mantiqueira  
fevereiro de 1993*

***Beira rio***

Minha alma, meu silêncio,  
caminhas agora na areia  
como na beira de um rio verde  
e vou contigo e te guio, passo a passo.  
E choveu e ventou e agora há o sol  
De pés de ipês e ouros do sertão  
e juntos estamos aqui, como num barco  
e sem saber para onde, navegamos.

***ir, tão longe***

Já pelo seu outono ele viajou  
a uma imensa mansidão.  
E assim ancorou no porto de sua casa,  
à volta da espera, e navegou a sua mão  
como quem contorna um golfo.  
E todas as manhãs atravessava mares  
indo do quarto ao escritório,  
a janela aberta a verdes ermos.  
*Onde começa?* Ele pensa.  
*Onde termina?* Ele responde e vai  
como quem viaja de uma ilha  
a uma outra, longe.

***Fazer a manhã***

Sete horas de então e agora é nunca  
pela última vez antes do fim de tudo.  
A vida é como um copo de água fresca  
de uma moringa vinda dos avós.  
Sete horas e uma manhã de sapos mortos  
para que de longe se espante o viajante  
e volte pela trilha de onde veio.  
A colheita do chão da madrugada:  
uma quarta de peixes de evangelho  
e a promessa de mais, de mais ainda  
quando o dia de amanhã enfim chegar.

*Brasília*

***voltar***

Alguma coisa havia de uma ida e um segredo  
que não se acha e vai, e arranha dentro.  
Algo que enlaça palavras e cava fundos poços.  
Um caminho, não se sabe. Uma armadilha  
ou algo que contra tudo se lança e contra todos,  
como à noite fazem os prisioneiros  
encostados na parede e uns nos outros  
contra o terror sem fim dos calabouços.

***nem pão, nem flor***

*(outro, diverso)*

Nada tenho que te dê:

nem pão nem flor.

E esse agosto de um sertão ao longe

nos devolve, amiga, a dor

de havermos saído do silêncio

sem saber cantar a deus e à flor.

Mas se uma estranha memória me devolve o mar

de onde eu vim, lá onde eu fui nascido

não sei porque estas margaridas de julho

não floriram ainda, e nem porque

o que antes havia há ainda agora e silencia.

Não sei, não somos e o silêncio sabe

sem ser no entanto nada, agora e antes.

Lemos palavras que outros escreveram

aqui, neste livro velho de provérbios.

Soletramos vogais, mas bem sabemos

que a vida escapa sempre desses signos

e fechado o livro, nós é que esquecemos

o que houve e quem foi, agora em agosto.

***inventário***

Seco, sem ares e vivo de vida  
o que é igual ao que não era azul  
e no escuro do escuro do que existe  
cresce no altar do tempo a ara do tempo  
e sobre o solo da alma a água apruma  
o seu se ir de rio em rio caminho afora  
como essas águas de maio no sertão.  
E é tarde e chove e cai um raio, e um outro  
acende o céu e o céu aclara a noite clara  
e é cada estrela como a espera de outra  
e o sol da luz lembra ao olhar do homem  
que uma vela só clareia o mundo inteiro.

**Noites há**

Noites não há tão claras  
(contam e cantam os de lá)  
como as de Lua Cheia no alto dos altos  
da igreja de Santa Bárbara em Vila Boa de Goiás.  
Mas (se diz também), não existe no mundo  
Aquém e além desses fundos de Goiás  
Noite mais escura do que a da Lua Nova por ali.  
Sabedoria sé saber subir o morro  
Na noite de Lua Cheia, e na da outra  
Para do alto espiar o esconso de beleza  
Que há no claro da noite. E no escuro.

*Cidade de Goiás*  
*Setembro de 1980*  
*(Lua Cheia)*

**como se***(para Maria Alice)*

Talvez porque a tarde de junho fosse como sempre,  
mas uma certa coloração, de resto, bem usual,  
Entre o laranja, o lilás e o vermelho claro  
Desse ao crepúsculo alguns acentos de almanaque,  
ou talvez porque inadvertidamente então  
o canto de alguns pássaros dados como extintos  
soletrou de repente e ao puro acaso notas de música  
Que os ouvidos juram haver esquecido,  
talvez apenas porque o julgamento dos mortos  
sobre os gestos ruins e bons dos vivos  
pareceu por um momento adiado para outubro,  
talvez porque... bem, porque é tarde  
e o canto das aves e aquela inaprendida sensação  
de que é possível arrancar flores do jardim  
sem o juízo implacável dos avós,  
então, pela beira dos campos aqui em Goiás  
tomei as suas mãos, amada minha  
e vinte e dois anos depois de um dia em julho  
eu as beijei com o olhar travesso e amoroso  
do menino que fui há muito tempo  
e que eu pensei haver morrido não sei quando.

*Campinas**1987*

***milagre do fogo***

parecem coisa tão rara  
essas pedras no entanto gastas,  
de que o povo da roça  
arranca fogo e fumaça.  
Com a ponta dos dedos  
acende o fogo e sua coivara.  
Quando ele incendeia o viver  
de um só cigarro de palha.  
Quando, acendendo, clareia  
o seu quinhão de hora vaga.

***caminhar***

Dizia errante: caminhar sertões!  
E sob os sapatos pretos calcava  
pedaços do chão de pedra.  
Andava, e de andar pensava ordenar  
o mundo por onde ia e viajava.  
Caminhava em linha reta  
e no entanto ia e vinha, sinuoso  
e meio perdido entre o que pensava  
um homem entrelaçado entre palavras.  
E caminhando descobriu um dia  
que o chão por onde ia lhe salvava  
de perder-se nas trilhas de si mesmo  
e no emaranhado de poemas e teorias.  
Com os pés na terra sonhava ser livre  
do embaraço de sete ou oito gestos.  
Filosofava assim: com os meus passos  
desenho sobre o chão o meu caminho  
e se caminho sei que eu ando e risco,  
e essa é a certeza: viver e andar se rumo.  
Sem rumo e sem desejo de chegar.

***como a sombra***

Como a sombra eras, como a sombra  
E teu nome poderia ser de planta:  
ipê, aroeira, araticum.  
E da noite onde as sombras moram, vinhas  
pois é noite ainda e a lua ausente brilha.  
Brilha a lua, amiga, nessas terras secas de junho  
e também na morada da memória.  
Ouve, é noite e há apenas noite agora,  
para que, vinda de longe  
brilhe no sertão de agora,  
vinda de ti essa luz imaginada.

***outros, um dia, como nós***

Não fomos os primeiros e nem os últimos.  
Outros estiveram aqui, eis suas marcas.  
A morte ronda ainda este lugar  
e o nome do morto esquecido não se esquece.  
Ele não é um mártir, vestia marrom e branco.  
É um homem como nós apenas  
e sobre ele soprem as velas, soprem as velas!

***Lenda do sertão***

Que essa moça, virgem  
e de pele entre o ocre e o açafião  
não coloque as duas mãos nos seios.  
Isto ela faz a cada manhã quando o dia nasce  
e é cedo. Não é cedo agora, ainda.  
Que à tarde ela não escorra a água dos cabelos  
sem antes ouvir dos velhos que já é tempo.  
Quando ela faz assim o sol do dia anoitece  
e a noite vem mais cedo, e é cedo ainda.  
Que a dança da mãe lhe seja agora proibida  
e que ela não pinte de azul a pele escura  
e nem na cabeça coloque penas brancas  
(um costume antigo de sua gente).  
Tudo isso apressa a primavera e é cedo agora.  
O sete-estrela e o caçador ainda não se avistam  
ao pôr-do-sol nas beiras do Araguaia  
e nem é a lua cheia de outubro.  
Por isso, que ela não adoce o pão com mel,  
sinal dado às almas que retornem  
a esses rios de águas quentes. A essas praias.

***Seis canções de tempo e vento***  
*Para Carlos Fernando , em Goiás*

*uma*

nesse enredo  
o meu veleiro vai  
e a minha alma  
almeja o seu alento.  
então amanhece  
e a manhã cedo  
é o meu quinhão  
de brisa ao vento.  
ali me vou, amigo:  
vô e a passo vagaroso  
viajo, e embora tardo  
ando e sou o porto e a nave  
e ao sofrimento oferto  
a vida de quem fui,  
e me acalento.

*duas*

ali, quando eu havia  
velava o esquecimento.  
foi um fluir, um só e um vôo  
da viagem da volta da memória  
e o seu momento é sempre  
como o que vai do rio ao remo.  
agora rego as flores na janela  
e todo me envolvo de sereno.  
vestido de mim mesmo soletro  
o acaso e calo. calo e assim  
a fala de onde eu vim, esqueço  
e já não sei se sou,  
ou se o vento.

*três*

há uma água de espera:  
aqui é o vento!  
aqui é onde eu me ancore  
e o livramento do que busco  
no vão do lado escuro  
da vida – andante atento  
recorda de quem fui e quando:  
maré de outono e orvalho  
e a flor dizendo como ao tempo  
a poeira na casa da palavra  
o segredo do sol em língua alheia  
e o cerco de mil armado à volta  
do sentido do ser do sentimento.

*Quatro*

do outono quando agosto  
plantei e me alimento.  
outrora havia a chuva  
o fruto e o vento.  
hoje, a manga amanhada  
entre os meus dentes  
e a saliva que eu cuspo  
com a semente  
são a minha obra: eu crio.  
são o barco e a quilha  
e a vela armada a meio vento.  
a vela que nele sopra e sente  
o movimento de meu corpo,  
esse amoroso do mal do amor  
e mais o gosto que ficou  
do que, não feito ainda,  
é amargo e amarga a mente.

*cinco*

matéria de devoto.  
se há anjos saibam:  
aqui é onde entreteço  
este lamento  
e ao sagrado digo  
a sua ciência:  
a alma tem um corpo  
e vive nele e é bom,  
e de panos o reveste.  
vestido assim  
de linho e seda  
ele é o meu mal  
e o meu desejo.  
solto ao sul do vento  
viaja este meu rosto,  
esse alvoroço que dela  
é o mar e o sentimento.

*seis*

não há porque negar  
essa alma antiga.  
de nada eu tinha medo,  
nada ainda.  
e nem tinha esse olhar,  
esse olho atento.  
eu não tinha essa pressa  
e, de repente,  
essa vela a queimar  
acesa ao tempo.  
esse saber eu não tinha:  
sentinela, saibam,  
de quem espreita  
a solidão que chega  
E um sofrer que cedo  
vem com o vento.

*Rio de Janeiro  
Outono de 1987*

***a terra***

Misteriosa senhora dos sentidos,  
mãe mineral do ofício e do orgasmo.  
Não lembrada quando é noite  
e no entanto presente na lavoura do quarto  
onde mulher e homem riscam na pele os arranhos do amor.  
Ali se misturam no lavrar da carne os sucos dos corpos  
entre sinais de gritos e gemidos de alegria e poder.  
Irmã da vida, sobre o teu manto semeiam os homens  
um grão e dele tiram as colheitas de março.  
Ali pois deveriam amar. Sobre o chão deviam deitar o dorso  
de homem e de mulher. Acaso somos outra coisa  
senão o sumo do fruto do teu gozo?  
Ventre da vida, mãe dos seres de quem somos  
sobre quem o mistério tocou com o sopro do hálito,  
úmido hálito denso de seiva e de sangue.  
Orvalhada das noites dos milênios  
e mil vezes mais velha do que os passos do homem,  
que entre as palmas das duas mãos  
ele tome a pele de teu corpo morno  
e com ela toque o espelho de seu rosto.  
E entre os sete sentidos reconheça  
a espessura dos seus cristais de areia.  
Eles são a oficina da origem de todos os domínios,  
e sem o que os próprios anjos  
e os deuses do mundo seriam inúteis.

*11 de fevereiro de 1981*

***aos que vierem***

Quando estes pequenos sinais  
(marcas a lápis na margem dos livros)  
forem algum dia achados ao acaso  
eu terei ido embora daqui.  
Virá alguém à biblioteca que foi minha  
e abrirá distraído um livro entre tantos.  
Ao folhear as páginas sem pressa,  
em alguma folha setenta e quatro  
encontrará uma pálida, uma quase apagada  
escritura que eu rabisquei um dia.  
Talvez nem a note, e será bom.  
Ou, então, curioso, fugirá por um instante  
do texto impresso em letras de um negro poder  
e virá à margem ver os meus rabiscos.  
Não saberá decifrar a minha letra ilegível  
E nem por isto ficará menos sábio.  
E fechará o livro e ao devolvê-lo à estante  
Talvez pergunte: quem foi? quando?  
E pode ser que a alma de meu espírito então responda:  
*Fui eu, mas esqueça. Eu esqueci.*

**Partir**

(Cora Coralina)

Já não faz mais doces  
E segredava: *sou doceira,*  
*a poesia é só o acaso.*  
Tinham pouco açúcar e eram doces  
*e esse, dizia, é o meu segredo.*  
Já não andava nas ruas da cidade:  
as pedras cansavam os pés, eram aventuras  
de antes, e do mundo bastava o seu quintal  
de figos e mamões, milho e memórias.  
Houve um tempo quando o rio Vermelho  
tinha ouro e o sol e peixes e águas limpas.  
Hoje, do que vale olhar pela janela?  
Há dentro dos olhos uma paisagem, e é mais bela.  
Já quase não escrevia, gastou o rol das rimas  
e sonhava ser sábia em silêncio.  
Quando um dia a morte veio, estava pronta  
como quem tira do forno o doce,  
apaga a vela, põe sobre o ombro o xale  
e abre a porta e sai e vai embora.

*A versão final deste livro foi completada, revista e dada como pronta, em 10 de junho de 2005, em algum lugar rural de Luziânia, em tempo de secas, poeiras, redemunhos e ipês roxos floridos na beira dos caminhos.*

*Este livro foi publicado no mesmo 2005 pela Editora da Universidade Católica de Goiás*